

# Identidade e sociabilidade em comunidades virtuais gays

Gisele Marchiori Nussbaumer  
*Professora Adjunta da Faculdade de Comunicação  
da Universidade Federal da Bahia.  
Doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas.  
gica@ufba.br*

10

## Resumo

O artigo reúne dois fenômenos contemporâneos: a apropriação social das tecnologias digitais de comunicação e a crescente visibilidade da questão homossexual. Defende que estão sendo construídas no ciberespaço comunidades capazes de possibilitar modos alternativos de viver a homossexualidade, para além dos estigmas e dificuldades tradicionalmente decorrentes de uma orientação sexual desviante em relação aos padrões heteronormativos.

Palavras-chave: Ciberespaço. Comunidades virtuais. Homossexualidade.

## Abstract

This paper brings together two contemporary phenomena: the social appropriation of the digital communication technologies and the increase of the visibility of homosexual issues. It can be concluded that, in the cyberspace, communities capable of allowing alternative ways of living the homosexuality are being constructed. They are formed beyond the traditional stigmas and difficulties originated from a deviant sexual orientation in relation to the heteronormative patterns.

Keywords: Cyberspace. Virtual communities. Homosexuality.

A Internet se inseriu rapidamente em nosso cotidiano, sobretudo porque os indivíduos decidiram partilhar através dela aquilo que lhes interessa. Não é a técnica que vem determinando as relações sociais na rede, mas sim as características das relações sociais que vêm se apropriando da técnica e dando sentido a seu uso. Nessa perspectiva, o máximo possível de meios tem sido utilizado para aproximar os internautas, permitindo-lhes o acesso e instigando-os a intervir, não importa sob qual pretexto.

Uma das principais vantagens da Internet está no fato de permitir uma maior aproximação entre pessoas conhecidas que estão distantes. Já no que concerne à troca estabelecida entre desconhecidos, a situação parece ser um pouco diferente, pois esse tipo de comunicação tem motivações que vão da simples curiosidade ao desejo de encontros concretos, passando ainda pela necessidade de alguns se esconderem atrás da tela, ou se fazerem visíveis através dela, às vezes para poderem revelar aspectos de suas vidas que nem sempre são vivenciados em plenitude, o que é bastante comum quando se trata do universo gay.

A possibilidade de anonimato é frequentemente destacada como um fator determinante, que caracteriza as relações estabelecidas no ciberespaço: *"a experiência de revelar segredos para um desconhecido que não sabe quem somos pode ser mais fácil de ser realizada do que a de relatar segredos e fantasias para pessoas conhecidas e com as quais convivemos fora do ciberespaço"* (GONÇALVES, 2000, p. 206). No entanto, embora estimulante, a prática do anonimato total parece não satisfazer muitos usuários da rede. Isso acontece, sublinha José Carlos Ribeiro, porque há uma *"necessidade de que alguns aspectos da personalidade do mundo off line sejam reconhecidos no on line, e como tais promovam algum efeito sobre os demais interlocutores ou mesmo no ambiente como um todo"* (RIBEIRO, 2003, p. 82). A rede se torna um meio de difusão pessoal que seduz, justamente, pela possibilidade e pelo prazer do compartilhamento.

Outro dado interessante refere-se à premissa de que logo que duas pessoas estabelecem um diálogo mais intenso, o desejo de conhecerem-se fisicamente vai se tornando cada vez mais presente. Nesse caso, a troca pode ser enriquecida, por exemplo, com fotos. Em comunidades gays que acompanhamos ao longo da nossa pesquisa essa premissa se confirma não só pelos encontros que são marcados na rede para se concretizarem fora dela, mas ainda pelo fato de alguns membros disponibilizarem fotos suas em *blogs* ou arquivos das páginas das listas de discussão das quais participam.

Com as facilidades que a rede oferece, em particular com a criação do correio eletrônico e das listas de discussão, emerge uma infinidade de comunidades virtuais cujos membros, dispersos geograficamente, se reúnem no ambiente virtual, a partir de afinidades ou de interesses comuns. Em relação ao público gay, o ambiente *on line* assume uma importância ainda maior, pois o ambiente *off line* não oferece para esse público as mesmas oportunidades que oferece para os heterossexuais, em termos de sociabilidade e processos identificatórios. Além disso, na rede, os homossexuais têm a possibilidade de encontrar ou construir comunidades que atendam seus interesses específicos em termos de sociabilidade. A comunidade gay no ciberespaço é composta por inúmeras subcomunidades: de jovens gays, de lésbicas adolescentes, de judeus gays, de militantes pelos direitos de GLBT, de advogados gays, e assim por diante.

O indivíduo necessita de referências, de códigos comuns, que promovam o laço social, por isso cada comunidade inventa (ou transporta para a rede) ritos, festas ou uma linguagem comum. Certos ritos permitem a identificação de uma certa comunidade e possibilitam saber quem pode fazer parte dela ou não, são os ritos de reconhecimento. No caso das comunidades virtuais gays, principalmente nas dirigidas a jovens, esses ritos ou linguagens partilhadas podem ser observados já nas próprias apresentações que muitos fazem quando ingressam nas listas:

Olá para todos! Como estão? Espero que esteja tudo beleza com todos. Bem, meu nome é Leonardo, de apelido Léo e conhecido pela net como Léozinho mesmo. Eu tenho 16 anos e sou de Osasco Sp [...] Não tenho uma vida muito "saída" do armário. Nunca havia me aceitado como homossexual até o ano e, antes disso, quase entrei em depressão por pensar que era gay. Já no ano passado fiz o seguinte pensamento: "Já lutei, evitei e tentei e não dá, se é isso, então sejamos felizes assim". E assim foi. [...] Já havia ouvido falar do E-Jovem há muito tempo atrás mas nunca havia realmente me interessado em entrar para a lista e tudo mais, mas passei a visitar o site, a lista e tudo mais e estou achando super legal. [...] To colocando fotos minhas lá no album se alguém quiser dar uma passada lá... Bem, falei poko né????? Rs. Bem é isso, um bjão pra todos (E-jovens, !!!!!Novo No Grupo!!!!!!).

Como podemos constatar, o novo membro ingressa na lista já à vontade. Cumprimenta a todos, fornece seu nome, apelido, idade e cidade; comenta sua homossexualidade e sua dificuldade para aceitá-la e assumi-la publicamente, o que, *a priori*, o torna mais próximo dos demais membros.

Também faz referência ao *site* onde está abrigada a lista, elogia e, para completar, acrescenta que estará disponibilizando uma foto sua. Além disso, utiliza uma linguagem comum aos demais participantes, escreve com gírias e abreviaturas, desacata as normas ortográficas e demonstra entusiasmo.

A confiança que se estabelece entre os membros de comunidades virtuais se exprime através desses ritos de reconhecimento. Assim, o essencial para manter o laço social não é apenas o instrumento técnico utilizado, mesmo que ele tenha um papel importante, mas a maneira como os participantes se comunicam e organizam suas relações coletivas.

Em listas de discussão e outros espaços da rede, a postura, o gestual, os olhares e a entonação estão fora do quadro da interação. Desse modo, visando a suprir a ausência desses recursos, os internautas criam uma linguagem própria, munindo-se ainda de possibilidades suplementares para evitar erros de interpretação e promover a ampliação do contato. Como os ambientes virtuais parecem mais propícios ao surgimento de mal-entendidos, seus participantes fazem uso de recursos como os *emoticons*<sup>1</sup>, que indicam seu estado de espírito ou sinalizam como deve ser interpretada uma colocação que pode ter duplo sentido. Os elementos de linguagem inventados nos grupos que se formam na rede, juntamente com certos ritos e normas de comportamento a serem seguidos para obter maior integração, contribuem para a emergência de uma “cultura de grupo”. Esta cultura é a principal responsável pela criação do laço social porque, entre outras, teria a função de associação e de reconhecimento recíproco.

Hugues Draelants (2001) chama atenção para o fato de que nem todos os indivíduos que participam de grupos na rede têm as mesmas motivações ao fazê-lo. Se alguns, consciente ou inconscientemente, procuram estabelecer laços sociais consistentes e pertencer a um determinado grupo, outros utilizam a rede apenas para buscar relações sexuais virtuais, ou mesmo para impedir o desenvolvimento da interação. Justamente por isso, quase todas as listas de discussão que acompanhamos, possuem e divulgam regras de conduta que devem ser seguidas pelos participantes. Um exemplo são as regras da lista Armário X:

Estas regras são enviadas ao grupo automaticamente a cada duas semanas, para que todos conheçam nossas normas [...] 1) do Grupo: 1.1) A Lista Armário X é um grupo de discussão formado por gays, lésbicas, bissexuais,

---

<sup>1</sup> Símbolos que visam a representar expressões faciais e que são construídos a partir de caracteres disponíveis no teclado do computador.

transgêneros e simpatizantes que tem como objetivo principal a troca de informações entre seus membros, promovendo assim a interação e o surgimento de vínculos de amizade e companheirismo. 1.2) Este grupo é totalmente gratuito e não está ligado a nenhum grupo político ou religioso, bem como sua participação é vinculada ao preenchimento prévio de um cadastro, para que possamos ter mais controle sobre os participantes. 1.3) O ingresso no grupo é efetivado após a verificação das informações pelo grupo de moderadores, porém o cadastro no mesmo faz com que automaticamente o membro esteja de acordo com as regras impostas a ele, para o bem estar geral. [...] 2) das Mensagens: [...] 2.5) não está autorizado o envio de SPAM, correntes, mensagens de pedido de ajuda a terceiros, aviso de vírus, mensagens com apologia as drogas, fotos pornográficas/eróticas ou mesmo utilizar o grupo como sala de bate papo (Chat) pois estas atitudes não se enquadram nos objetivos do grupo. 2.6) não é permitida a troca de insultos ou acusações dentro do grupo. Problemas de ordem pessoal, ética ou moral com qualquer membro devem ser resolvidos fora do grupo. [...] Equipe Armário X (Armário X, Arquivo – regras).

Nas regras acima, além de itens comuns a qualquer “netiqueta”<sup>2</sup>, destacam-se, de imediato, o público ao qual a lista de discussão se dirige e também os seus objetivos. Em se tratando de listas dirigidas ao universo gay, esse destaque merece atenção por várias razões: evita a presença de desavisados, já que o nome da lista, para muitos, não oferece nenhum indício de que se trata de uma lista gay; protege os participantes de possíveis reações preconceituosas por parte desses desavisados; e alerta o seu próprio público-alvo quanto aos reais objetivos da lista, já que os gays procuram espaços, na rede, com objetivos bastante diversificados.

Vale salientar, ainda, o caráter evolutivo da prática comunicacional *on line*. Depois de um certo tempo, por exemplo, alguns usuários podem não se satisfazer mais com os contatos mediados por computador e passam a desejar outro tipo de comunicação, fora do espaço da rede. Ou então, podem passar a buscar espaços menos efêmeros, que permitam o estabelecimento de um laço social ou o pertencimento a um grupo. Em muitas listas de discussão, percebe-se uma evolução, se assim podemos dizer, referente às práticas comunicacionais dos participantes. Muitos explicitam tanto o desejo de

---

<sup>2</sup> Termo usado para as normas de comportamento na rede.

encontros no ambiente *off line* como o fato de terem uma vivência anterior em *chats*, antes de ingressarem no espaço das listas, como atestam as mensagens que seguem:

Como muitas aqui da lista, estou um pouco confusa em relação a meus sentimentos e procuro alguém com quem possa conversar que esteja em uma situação semelhante ou pelo menos me compreenda. Não tenho amigos gays e estou começando a sentir necessidade de conversar com alguém pessoalmente. A Internet me ajudou muito mas, infelizmente, não é o bastante (Re: [Leslist] Salvador).

Eu tc do Rio de Janeiro, tenho 18 anos, kero, através dessa lista, conhecer outros e-jovens como eu, tanto do RJ como de outros lugares, discutir sobre qq coisa, e até fazer amizades, já q ainda não tenho outros amigos gays!!! Como a galera dos bate-papos só kerem sacanagem, espero q aki eu consiga fazer umas amizades legais!!! ([E-jovens] Chegando...).

Outro tipo de comportamento possível de ser observado na rede, narrado por Draelants (2001), refere-se ao fato de que, após o entusiasmo experimentado no período de descoberta, muitos usuários passam a se desligar aos poucos dos espaços virtuais que freqüentam, mesmo que alguns deles guardem contato, apenas para marcar presença em algum momento. O autor registra, ainda, que uma postura de fechamento é freqüentemente adotada por grupos já estruturados. Quer dizer, uma vez integrados, certos indivíduos passam a se comunicar mais com determinados amigos virtuais do que com outros – e menos ainda com os novos, já que não buscam mais, ativamente pelo menos, ampliar sua rede de contatos.

É interessante notar que, apesar de as comunidades articuladas através dessas listas possuírem centenas de membros, muitas vezes a comunicação se restringe apenas a uma dezena de participantes mais ativos. No entanto, quando um novo membro se apresenta ou passa a interferir nos diálogos travados, normalmente ele é bem-recebido por aqueles que vinham sustentando a comunicação no grupo e estimulado a participar mais das discussões.

Vale ressaltar ainda a importância da identificação da localidade da pessoa com o qual se estabelece o diálogo, já que muitos indivíduos têm a intenção de se encontrar pessoalmente. São relativamente comuns nas listas de discussão gay que acompanhamos mensagens do tipo:

você é de Ilhéus, mora em Ilhéus, não? Quantos anos você tem? Faz o que? Tem foto? Conhece alguém do e-jovem por aí por perto? (Re: [E-jovens] BAHIA).

Gostaria de saber se tem alguém de Salvador no grupo interessada em uma possível amizade...Caso sim, mande uma msg p/ o meu email :) ([Leslist] Salvador).

Percebe-se ainda, na rede, uma tendência a se reproduzir o que acontece *off line*: “o que sentimos ter encontrado como regra nas salas estudadas foi um reforço do preconceito de gênero e de opções sexuais, larga presença dos modelos pregados pela mídia e uma enorme falta de criatividade” (PRATES, 1999, p. 267). Essa tendência, não apenas de reprodução do que acontece no ambiente *off line*, como o reforço de seus preconceitos, deve ser levada em consideração, sobretudo em se tratando do ambiente dos *chats*. No entanto, em espaços menos efêmeros, como as listas de discussão, ela não se evidencia como dominante. Em listas de discussão gay o que se observa mais frequentemente é um esforço coletivo para se diferenciar e mesmo para se opor aos modelos estabelecidos pela sociedade e veiculados pela mídia. O que se justifica, em parte, pelas próprias características tanto desse espaço como do segmento em questão.

Ao desenvolver uma pesquisa sobre diários íntimos na Internet, Philippe Lejeune (2000) ressalta que a difusão anônima possibilitada por esse meio, além de ter um caráter terapêutico, pode criar um tipo de intimidade convival, lúdica. Segundo o autor, diferente do que acontece com o diário tradicional, no papel, o diário virtual oferece a possibilidade de uma resposta, de trocas, o que seduz os internautas. Lejeune acredita que o computador tem sido utilizado, principalmente, devido à possibilidade de anonimato, como uma importante forma de escuta, permitindo ao indivíduo escapar de si, colocar-se à distância. Para ele, vários fatores interferem nesse processo, como a “*posição face a face, a possibilidade de corrigir e o fantasma de um leitor desconhecido, em particular*” (LEJEUNE, 2000, p. 28)<sup>3</sup>.

Sherry Turkle acredita que as experiências na Internet podem vir a ocupar um lugar de destaque na história, no que se refere à construção das identidades; pois, no ciberespaço, “*encontramo-nos no limiar entre o real e o virtual e, inseguros de nossa posição, inventamo-nos a nós mesmos à medida que progredimos*” (TUKLE, 1997, p.13). Para a Turkle, os internautas seriam autores não apenas de textos, mas também de si próprios e as identidades virtuais seriam construídas, concomitantemente, por intermédio da interação social e da interação com a máquina. A autora relata que num grupo de discussão do qual participava era comum entre os membros o sentimento de

---

<sup>3</sup> Tradução nossa.



que as suas identidades virtuais serviam para pensar o seu *eu*. Muitos deles, inclusive, declaravam que suas experiências no espaço virtual os faziam prestar mais atenção a aspectos da vida real que antes passavam despercebidos.

As idéias tradicionais sobre identidade vinculavam-se a uma noção de autenticidade que as experiências virtuais têm subvertido, já que, no ambiente virtual, torna-se mais fácil nos apresentarmos como pessoas diferentes daquelas que somos no ambiente *off line*. Referente ao universo homossexual, não são poucas as pessoas que assumem um personagem e, através dele, satisfazem suas curiosidades ou necessidades nesse plano.

É preciso atentar, no entanto, para como certas práticas são aceitas nos diferentes espaços da rede. Criar personagens fictícios ou ter relações sexuais com vários personagens nos *chats*, por exemplo, é uma coisa; porém, numa comunidade virtual, tudo muda. Na maioria das comunidades, as pessoas criam uma identidade eletrônica que é extensiva à sua identidade *off line*. Uma fração dos participantes ativos, sobretudo na Listagls e da e da E-jovens<sup>4</sup>, que foram as que acompanhamos mais de perto, assinam as mensagens com nomes usuais no ambiente *off line*. Não se trata de personagens, mas de indivíduos que se relacionam no ambiente *on line*.

Se, no ciberespaço, homens podem ser mulheres (e vice-versa), isso significa que o gênero não serve mais como um marcador de identidade confiável nas relações virtuais. Como consequência, embora seu conceito não se perca, *nesse ambiente ele é ao menos parcialmente dissociado de restrições que a sociedade impõe, oferecendo a possibilidade de se vislumbrar outras maneiras de ser.*

No ciberespaço, cada um pode mais facilmente encontrar lugares e entrar em contato com pessoas com as quais poderá partilhar seus interesses, sua intimidade. Nas listas de discussão gay, são comuns histórias pessoais relatando *outings*<sup>5</sup> que aconteceram fora da rede, mas que foram estimulados a partir da experiência de uma exposição pessoal maior, íntima, na rede. A experiência de reafirmação identitária no ambiente *on line*, fortalece os indivíduos para uma maior exposição do que é íntimo também no ambiente *off line*.

Francis Jauréguiberry (2000) assinala que, diferente do ambiente *off line*, o ambiente virtual não tende a dissuadir, limitar ou censurar; nele o internauta pode experimentar quantos eus desejar sem grandes riscos de

---

<sup>4</sup> Cf.: <http://br.groups.yahoo.com/group/listagls/> e <http://www.e-jovem.com/>

<sup>5</sup> A expressão *to come out of the closet* (ou simplesmente *coming out* ou *outing*) foi traduzida no Brasil como “saída do armário” e significa “assumir-se”, assumir publicamente a própria homossexualidade.

censura. Como diferentes papéis não podem ser interpretados na sociedade *off line*, eles o são no ambiente da Internet: “*trata-se de fato, na maioria das vezes, de um eu que almeja a realização de desejos ou de pulsões que a vida real não permitiu ao internauta experimentar ou realizar*” (2000, p. 138)<sup>6</sup>. Assim, a busca de identidades virtuais é interpretada pelo autor como uma *re-criação* (o internauta se torna uma parte de si mesmo possível apenas no seu imaginário) e como uma *recreação* (no sentido mesmo de “recreio”, de lúdico).

Segundo Jauréguiberry, dois alvos são visados pelos internautas: um aprisionamento no virtual em função do real social; ou um questionamento do real em função do virtual experimentado. Como o real social é entediante ou restrito, ele é refeito ou recomposto no virtual; como o virtual autoriza experiências inéditas, o real passa a ser vivido diferentemente e novas exigências são desenvolvidas para o indivíduo. A homossexualidade, por exemplo, não podendo, muitas vezes, ser compartilhada e vivida no ambiente *off line*, no ciberespaço encontraria possibilidades de expressão e realização.

O autor salienta que uma outra prática é ainda possível na Internet : a diluição do *eu* em um *ciber-nós* comunitário. Esta é representada pela “*fusão*” do indivíduo num conjunto comunitário procurado. O fato de ter sempre sua tribo à escuta protege e encoraja o indivíduo. Entretanto, ao se reunir com seus pares, ele corre o risco de existir menos como sujeito autônomo do que como representante de um grupo minoritário. A essência que os une, afirma Jauréguiberry, anula sua diferença em favor de um *mesmo*, que nutre diversos *eus*. Nesses grupos, o conhecimento dos códigos, dos nomes e dos rituais seria condição para o pertencimento, e a troca chegaria a ser feita por imitação.

Experiências vividas por usuários na rede têm demonstrado que o ciberespaço pode ser entendido como um ambiente de comunicação que influencia e modifica a vida *off line*, como um lugar que propicia processos identificatórios e a instauração e exposição de questionamentos pessoais. Como partilhamos dessa convicção, destacaremos a seguir algumas experiências e relatos que são ilustrativas da maneira como os indivíduos vêm utilizando esse espaço.

O primeiro relato, faz referência aos processos identificatórios que ocorrem nos ambientes de comunidades virtuais gays e atesta a concretização de encontros que, sem o recurso à rede, seriam improváveis. Como mostra a mensagem que segue, esses encontros podem, por vezes, acabar resultando em um relacionamento amoroso estável, neste caso entre dois participantes da lista E-jovens, fato que foi compartilhado com os demais membros da comunidade:

---

<sup>6</sup> Tradução nossa.

Estou escrevendo para avisar a tod@s vcs que ontem, dia 02/09/2003, meu namoro com o xxxx da lista fez um mês. Como a gente se conheceu pela lista, achei q o mínimo que devia fazer era contar pra geral, até pq tem gente que apoiou nosso namoro e talvez não tenha reparado que passou tanto tempo (pq nem parece). E queria agradecer ao Deco, pois se não fosse ele eu nem ia conhecer o xxxx...Beijos pra geral ([E-jovens] Aviso Urgente).

O segundo relato é exemplar da prática de questionamento e de exposição de problemas pessoais, por parte dos participantes das listas, junto à comunidade virtual de pertencimento. Como mostra a mensagem abaixo, esses problemas, muitas vezes decorrentes de suas orientações homo ou bissexuais, podem levar a situações extremas:

Diversas coisas ruins vem acontecendo na minha vida, como se fossem pequenas bolas de neve, vindas cada uma de um canto da montanha, que no final se juntam e tornam-se uma grande avalanche... e uma das maiores "bolas de neve" que encontrei eh o fato de ser bissexual nao assumido. de me sentir atraído pelas pessoas erradas, numa familia super tradicional, onde as pessoas começam a te tratar mal pelo fato de, aos 21 anos, nao ter namorada. eu decidi. após cumprir uma promessa q fiz, coisa q nao deve demorar, eu vou me matar. nao soh pelo fato de que eu sou assim diferente. mas pelo fato de q eu sinto q esse nao eh o meu lugar, como se as coisas ruins que surgiram na minha vida (e que vem de longa data, e se juntaram todas agora) sao um sinal, de que eu fui "enviado pro lugar errado". nao da mais pra aguentar tanta coisa ruim assim, junta. ([E-jovens] chega).

O peculiar nesta mensagem é que a comunicação com os demais membros da comunidade possibilitou a plena e clara expressão de um desespero que se avizinhou do suicídio. Situações como a registrada no depoimento transcrito acima sempre recebem uma atenção especial dos membros das listas, que respondem se colocando a disposição, tentando acalmar o remetente e propondo que ele considere outros pontos de vista:

Gostaria que soubesse que muitas pessoas tem os mesmos problemas que vc. e conseguem pelo menos um pouco de calma conversando um pouco sobre isso. O que vc pensa e sente parece não ser muito normal, pensando egoisticamente, mas tbem não é o fim do mundo, já tive muito destas neuroses, hoje consigo administrar isto

melhor, não adianta achar que tudo esta perdido. Se quiser falar ou desabafar um pouco mande um recado [...] talvez não resolva seus problemas, mas vai aliviar um pouco a tensão (Re:[E-jovens] chega).

Se não fosse a possibilidade do recurso à rede, bem como a participação em uma comunidade virtual que reúne indivíduos com os quais se tem afinidade, talvez o remetente da mensagem inicial deste relato não tivesse a oportunidade que teve de desabafar e dialogar acerca de seus problemas e angústias pessoais, bem como de relativizá-los. O efeito catártico conseqüente, talvez mais do que as respostas que obteve, pode ser considerado um fator chave para o controle da situação por parte desse jovem.

Em seu livro, Turkle (1997) destaca o relato de um entrevistado que conta como se sentiu ao descobrir que sua namorada se fazia passar por homem e tinha relações sexuais com personagens femininas em salas de bate-papo. Ele dizia que o aspecto mais ameaçador disso tudo era o fato de ela querer interpretar uma personagem do sexo oposto. O problema não estava exatamente na infidelidade, o que incomodava o rapaz era *“a sensação torturante de que a minha namorada [...] é uma fufa. Eu sei que toda a gente é bissexual, eu sei, eu sei [...] Mas isso é uma daquelas coisas que eu sabia, mas nunca tivera nada a ver comigo”* (TURKLE, 1997, p.335-336). Turkle comenta que ele se queixava do fato de a realidade virtual ter facilitado demais à sua namorada a possibilidade de *“explorar as sensações de manter uma relação sexual com outra mulher, as sensações de vestir a pele dum homem, e, o que é mais grave, poupando-a das conseqüências sociais de seus atos”* (TURKLE, 1997, p.336).

Nicolaci-da-Costa (1998) também disponibiliza relatos sobre experiências pessoais na rede que convergem com nossa temática. Um deles é o de uma estudante de vinte e dois anos que escreve:

Sou lésbica e até entrar na rede tinha tido um único relacionamento, minha família e meus amigos não sabem de nada, e eu sentia uma enorme necessidade de conversar com outras pessoas sobre meus sentimentos. No bate-papo de folha de São Paulo encontrei um ambiente propício a esta abertura [...] posso dizer que “resolvi” minha sexualidade, e que meus conflitos não são mais um problema para mim. Isso graças à oportunidade de conversar com pessoas com conflitos parecidos, através da Internet, onde a tela do computador funciona como proteção... podemos falar qqr (qualquer) coisa, pois quem

está do outro lado jamais saberá quem somos, se não quisermos. Disso tudo, resultou meu atual relacionamento amoroso, com uma garota que conheci na rede, depois pessoalmente, e com quem já estou há 7 meses (NICOLACI-DA-COSTA, 1998, p.233).

O relato acima ilustra o quanto o ambiente virtual pode ser considerado mais propício para certas “aberturas”, pois oferece a possibilidade de uma comunicação entre pessoas que, mesmo não se conhecendo pessoalmente, possuem conflitos e desejos semelhantes. Ilustra também a importância da possibilidade do anonimato e a influência mútua que existe entre os dois ambientes.

As experiências e os relatos pessoais envolvendo, de alguma maneira, questões relacionadas à afetividade, à sexualidade ou à orientação sexual são recorrentes nos diversos ambientes do ciberespaço. Seja nos *chats*, nas listas de discussão, nos diários pessoais, essas questões se fazem presentes com uma frequência que estimula e autoriza seu destaque em vários estudos.

Nesse contexto, o diário de um jovem homossexual francês, que Leujeune (1999) intitulou como *Le Cyber Coming-Out*, merece ainda ser destacado, pois ele é ilustrativo da importância que o espaço virtual pode assumir para aqueles que não conseguem dizer/viver, no mundo *off line*, determinados aspectos de suas vidas, já que não correspondem aos padrões do mundo que os cerca. Eis alguns trechos do diário do jovem francês:

Minha primeira entrada neste diário [...] o que poderei nele escrever? Devo dizer TUDO? [...] Por um lado, tenho realmente o desejo de poder me exprimir plenamente, de não mais me esconder [...] Bom, vamos lá... eu não sei por que, mas tenho como que formigas nos dedos, é preciso que isso saia agora... Ligue-se, eis a revelação do ano: eu sou gay! E paf, o corretor ortográfico do word que recusa meu coming-out? (e re-paf, isso também não, ele não conhece). Uau! E aí, reações? De minha parte, eu me dou conta de que não era tão duro como parecia e, de qualquer maneira, eu já tinha (mesmo que inconscientemente) me preparado. Então, para aqueles que - ao contrário do corretor -, conhecem este termo, vocês acabaram de assistir o meu primeiro coming-out. Evidentemente, não sei se tem muito valor, pois não se endereça a ninguém [...] É verdade que é mais fácil quando falamos a uma pessoa do outro lado do mundo, que não conhece você. Mas agora, a rede se desenvolveu tanto que começo a ter medo de que alguém

que me conheça caia aqui. Ainda e sempre, é talvez contraditório, mas talvez seja isso que espero: que alguém descubra meu estado, para que eu seja obrigado a me descobrir para todos (LEJEUNE, 2000, p.267-270)<sup>7</sup>.

Conforme Lejeune, graças a esse tipo de testemunho, os internautas-leitores podem melhor aceitar, vendo o interior desse jovem, situações que eles talvez não aceitassem em seu cotidiano. Nesse caso, o diário virtual constitui-se em um espaço onde o jovem gay pode se expressar, um espaço onde os leitores podem se sensibilizar com o universo homossexual, conhecendo a intimidade e a angústia do seu autor. Além disso, *“entre a solidão do caderno e a hostilidade de um mundo homofóbico, uma terceira via se abre”* (LEJEUNE, 2000, p. 386)<sup>8</sup>, ou seja, o ciberespaço.

O ciberespaço pode ser entendido como um ambiente estimulante para aqueles que têm dificuldades em se relacionar no mundo *off line*, devido as suas próprias diferenças ou particularidades. Dando existência a identidades *on line*, que normalmente refletem suas outras identidades, não assumidas ou pouco assumidas no ambiente *off line*, os indivíduos têm a possibilidade de aperceberem-se melhor dos acontecimentos importantes de suas vidas cotidianas.

As experiências identitárias no ciberespaço e a multiplicação de comunidades virtuais que assistimos nos últimos anos podem ser avaliadas, ainda, a partir de outra perspectiva, que mostra uma *lógica da identificação ou processos de subjetivação* que estariam, na sociedade contemporânea, substituindo a *lógica* que prevaleceu durante toda a modernidade.

Na visão de Michel Maffesoli (1996), estaríamos vivenciando um deslize progressivo da identidade em direção à identificação, interpretada como um processo cujas manifestações se apresentam de forma ambígua já que *“de um lado, na sua prática, são alternativas, anunciam o que está nascendo; de outro, na sua verbalização, podem fazer referência à representação que tem à sua disposição”* (MAFFESOLI, 1996, p.302). De acordo com o autor, *“assim como há identificações sucessivas, em função dos diferentes momentos da comunicação, pode haver identificações de diversas facetas da própria pessoa”* (MAFFESOLI, 1996, p.311). Nessa perspectiva, a identificação suscitaria uma nova forma de sociabilidade que reflete o ideal comunitário que vem se apropriando tanto do ambiente *off line* como (ou sobretudo) do ambiente *on line*. Se a vivência no ciberespaço conduz a novas formas de sociabilidade e

---

<sup>7</sup> Tradução nossa.

<sup>8</sup> Idem

experiências identitárias, elas parecem se originar em motivações provenientes mais de uma lógica contemporânea fundada na *identificação* do que de uma lógica fundada na *identidade que caracteriza a sociedade moderna*.

Já Kathryn Woodward ressalta a importância da *diferença dicotômica*, “que separa uma identidade de outra, estabelecendo distinções, frequentemente, na forma de oposições” (WOODWARD, 2000, p. 41). Segundo a autora, o comportamento social padrão continua sendo criado e mantido por meio de divisões binárias, como as estabelecidas entre *insiders* e *outsiders* ou entre heterossexuais e homossexuais. Essas divisões podem ser construídas negativamente, através da exclusão ou da marginalização daqueles tidos como *outsiders*; ou podem ser celebradas por sua diversidade e hibridismo.

Seguindo a mesma linha de pensamento, Tomaz Tadeu da Silva lembra que, o processo de produção da identidade pode oscilar entre dois movimentos: um que tende a fixar e a estabilizar a identidade, o outro que tende a subvertê-la e a desestabilizá-la. Embora ressaltando que a tendência da identidade está na sua fixação, o autor entende que mais interessantes são os movimentos que conspiram para subvertê-la:

*A possibilidade de cruzar fronteiras e de estar na fronteira, de ter uma identidade ambígua, indefinida, é uma demonstração do caráter artificialmente imposto das identidades fixas. O cruzamento de fronteiras e o cultivo propositado de uma identidade ambígua é, entretanto, ao mesmo tempo uma poderosa estratégia política de questionamento das operações de fixação da identidade. A evidente artificialidade da identidade das pessoas travestidas e das que se apresentam como drag-queens, por exemplo, denuncia a – menos evidente – artificialidade de todas as identidades (SILVA, 2000, p.86).*

Neste caso, é ilustrativo o exemplo de um participante da lista E-jovens, que utilizava o *nick* Tboy e assinava suas mensagens como Carol. Questionado sobre sua sexualidade, se era um transexual ou não, ele respondeu:

Sou trans SIM, o q rola é q contendo meus sentimentos "pro bem da nação"... Pros q me conhecem sou ht e pra apenas alguns sou gay e pra apenas um sou trans a ponto de ele apenas me chamar de Carol onde quer q estivermos. (Re: [E-jovens] E-Night in Skol Beats).

A proteção da tela permitia que esse participante expusesse sua vida íntima com mais naturalidade para os membros da comunidade da lista do que

para seus conhecidos fora da rede. Afinal, como explicita o próprio remetente, *pro bem da nação*, no ambiente *off line* ele mantinha seus sentimentos contidos; quer dizer, se comportava de acordo com as normas impostas, mantendo uma identidade relativamente estável, fixa: é heterossexual.

Acreditamos que, no ciberespaço, estão sendo construídas comunidades capazes de possibilitar modos alternativos de viver a homossexualidade. Essas comunidades virtuais gays apresentam-se como ambientes complementares aos da vida *off line*, potencializando e atualizando intenções sociais nela já existentes; atenuam os estigmas e o isolamento experimentados por seus membros na vida *off line*; caracterizam-se por alguma forma de contestação ao sistema heteronormativo; possibilitam uma escrita de si que contribui para o desenvolvimento do processo de subjetivação da experiência homossexual dos seus membros.

A maioria das comunidades virtuais gays observadas na pesquisa podem ser interpretadas como zonas fronteiriças ou de contaminação entre o real e o virtual, com a presença e a influência do primeiro no segundo e vice-versa. Nesse aspecto, a compreensão dicotômica entre o real e o virtual, recorrente em certas leituras acerca do ciberespaço, apresenta-se como insustentável. Afinal, não observamos descontinuidades nem exclusões, mas sim continuidades, inclusões, complementações, hibridizações.

As comunidades que acompanhamos, especialmente as da Listagls e da E-jovens, não podem ser interpretadas como simulações de comunidades reais do ambiente *off line*. Observamos, ao contrário, que elas se mostram atrativas para os indivíduos que nelas ingressam, bem como se mantêm ativas, justamente pelos diferenciais que apresentam em relação à experiência *off line*. Nelas, se concretizam desejos interditados ou difíceis de serem realizados no cotidiano *off line*, como se assumir, ter amigos gays, encontrar apoio, trocar informações, tirar dúvidas, dividir certas alegrias, enfim, concretizar desejos por vezes triviais que para muitos homossexuais, especialmente para os jovens gays, não são conquistas simples. Nessas comunidades virtuais são compensadas lacunas de um cotidiano que nem sempre corresponde aos anseios de muitos dos seus participantes.

Outro aspecto que merece ser destacado, diz respeito ao fato dessas comunidades virtuais se inserirem num contexto de dominação societária e, ao mesmo tempo, oporem-se a ele ou, pelo menos, a muitas de suas características, tais como o preconceito em relação aos indivíduos com orientações sexuais divergentes do padrão estabelecido. Essa constatação nos levou a percepção de que os membros dessas comunidades possuem ou



desenvolvem, a partir delas, uma identidade que Manuel Castells (1999) denomina como de “resistência”. Isso porque, conforme observamos, eles buscam, de maneira geral, não apenas modos de vida alternativos, que podem ser encontrados ou construídos nos ambientes das comunidades virtuais gays, mas buscam transformações nos modos de vida que lhe são impostos no cotidiano *off line*.

As comunidades virtuais gay atraem indivíduos que buscam assumir ou partilhar identidades extensivas às do ambiente *off line*. Nessas comunidades, eles encontram um lugar no qual podem se expor como desejam, sem serem agredidos, etiquetados, estigmatizados. O ambiente virtual representa, para eles, um espaço onde, além de ser possível experimentar ou viver a orientação homossexual, é possível também se constituir enquanto tal.

A vivência nessas comunidades implica em aceitação das diferenças, capacidade de auto-organização e em tomadas de consciência. A aceitação da diferença é indispensável porque o universo gay que estas listas reúnem não é homogêneo; ele abriga, além dos homossexuais masculinos, que predominam, lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais e simpatizantes, enfim, representantes de uma multiplicidade de subcomunidades. A capacidade de auto-organização é necessária porque, por vezes, é preciso administrar essa diversidade e suas particularidades, em prol da convivência comunitária. Finalmente, a vivência nessas comunidades favorece a tomada de consciência porque, nelas, os membros têm acesso a outros pontos de vista, outras experiências, diversas e complementares às suas. A comunicação continuada e a comunidade de interesse e experiências fazem com que os participantes se coloquem efetivamente no lugar uns dos outros, como demonstram as histórias de *outings*, o que repercute na maneira como eles se posicionam, em particular, em relação à própria condição enquanto homossexual. Nesse sentido, ressalta-se a importância das experiências compartilhadas nessas comunidades enquanto instigadoras de mudanças nos sistemas de referências e incitadoras de questionamentos da realidade *offline*.

No que se refere à forma como se relacionam os membros dessas comunidades, pode-se afirmar o privilégio da *lógica da identificação* em relação à *lógica da identidade*. As experiências individuais são entendidas como experiências a serem compartilhadas, a identificação suscita o *estar-junto e, ao mesmo tempo, dele decorre*. A homossexualidade que, em princípio, é partilhada por todos, faz com que os integrantes dessas comunidades se identifiquem como iguais, seja através de histórias de vida, símbolos, ídolos ou vocabulário próprio, seja através do estigma que igualmente os atinge.

Ainda em termos de sociabilidade e processos identificatórios, as comunidades das listas de discussão assumem uma importância ímpar para seus membros, uma vez que o ambiente *off line* não oferece, para eles, as mesmas oportunidades que oferece para os heterossexuais. Para os participantes dessas listas que não são *assumidos* no ambiente *off line*, que moram em cidades pequenas e têm receio de serem reconhecidos, essa comunidade de pertencimento se constitui, muitas vezes, como a única oportunidade de conversar com outros homossexuais e se reconhecer enquanto tal. Nas comunidades virtuais gays, são visíveis e relevantes os efeitos compensatórios ao preconceito e à fraca socialização que freqüentemente decorre da vivência homossexual no ambiente *off line*.

Também ficaram evidentes as motivações para a integração nessas comunidades, que vão da simples curiosidade ao desejo de encontros concretos, passando pela necessidade de se esconder atrás da tela – ou de se mostrar através dela –, para poder revelar aspectos secretos das vidas pessoais. O acompanhamento atento da comunicação travada permite a identificação de características da personalidade ou do perfil de alguns dos participantes mais ativos, justamente, pela maneira pessoal como se expressam e através das suas tomadas de posição sobre os diversos assuntos debatidos.

Através do compartilhamento de informações, do apoio mútuo, da política afirmativa que caracteriza as comunidades virtuais gays, ao lado de uma maior problematização das representações anteriormente construídas a respeito do universo homossexual, os membros de comunidades virtuais gays atenuam o estigma que socialmente os exclui e descobrem modos de viver suas orientações sexuais com mais tranquilidade, às vezes em plenitude. A vivência comunitária possibilita que se coloquem uns no lugar dos outros, não apenas metaforicamente, mas efetivamente, o que contribui para que se relacionem diferentemente consigo mesmos, com os outros e com a sociedade de modo geral.

Essas comunidades são formas de resistência à lógica heteronormativa, mas formas de resistência que se apresentam diferencialmente, conforme as características de cada comunidade, que se articulam a partir do ciberespaço e repercutem de forma incisiva fora dele, como demonstraram as vivências reconstituídas no decorrer dessa tese.

Outro dado relevante, no sentido de comprovar esse trânsito, está no fato dos participantes demonstrarem freqüentemente interesse em dar continuidade à experiência de conhecimento mútuo fora do ambiente virtual da rede. Isso não apenas em acontecimentos importantes para o universo do qual fazem parte, como as Paradas do Orgulho Gay e os *beijaços*, mas também em

parques, pizzarias, *shoppings*, boates, enfim, em lugares que costumavam frequentar no seu dia-a-dia. As listas aparecem, assim, como espaços complementares, e não substitutos, aos da vida real.

Rigorosamente, dever-se-ia considerá-los espaços suplementares, de acordo com a vertente de autores da crítica cultural contemporânea, como Homi Bhabha (1998). Essa perspectiva tem a vantagem do pressuposto de que nem o real nem o virtual são incompletos, entendendo-se neste caso o suplemento como algo que se acrescenta a uma ordem dada, anterior, e que tem o poder de alterá-la, por uma ampliação da sua abrangência ou significação.

Além das características e tendências que foram ressaltadas, a comunicação mediada das listas de discussão e a experiência de partilhar uma comunidade, que resulta da interação comunicacional *on line*, conduziram-nos à reflexão sobre o que talvez seja sua potencialidade mais significativa: o seu efeito para a subjetivação da homossexualidade. Com uma linguagem que se assemelha as das cartas pessoais, pelo tom de proximidade ou de intimidade que as caracteriza, as mensagens trocadas entre os participantes das comunidades que acompanhamos podem ser interpretadas como representativas de uma nova modalidade de correspondência. Uma correspondência que, devido ao meio onde circula, se diferencia da tradicional, por seu caráter mais interativo, imediato e público.

Nesse contexto, observamos que mensagens enviadas apresentam-se, para os membros dessas comunidades, como um recurso importante enquanto forma de expressão, atuando não apenas sobre aqueles que as enviam, mas também sobre aqueles que as recebem – no caso, os demais membros da comunidade de pertencimento. Sobre os primeiros, os remetentes, porque lhes possibilitam um exercício de decifração de si por si mesmo e, também, de abertura de si mesmo ao outro. Sobre os últimos porque, ao compartilharem experiências vividas por outros membros da comunidade, preparam-se para situações semelhantes.

Assim, concluímos reafirmando que, com a apropriação social das tecnologias de comunicação digital, vêm se construindo, no ciberespaço, comunidades capazes de possibilitar modos alternativos de viver a homossexualidade na contemporaneidade, em consonância com os valores e as práticas sociais que são peculiares ao nosso tempo.

## Referências

- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. v.2. 2.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- DRAELANTS, Hugues. Le chat: un vecteur de lien social? *Esprit critique*. V. 3,. Disponível em: <<http://www.espritcritique.org>> Acesso em out. 2001
- FOUCAULT, Michel. "A escrita de si". In:\_\_\_\_\_. *O que é um autor*. 3 ed. Lisboa: Passagens, 1992.
- GONÇALVES, Márcio Souza. *Comunicação virtual e amor na sociedade contemporânea*. Tese de Doutorado, Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2000.
- JAU RÉGUIBERRY, Francis. "Le moi, le soi et Internet". *Sociologie et Sociétés*. Quebec, v. 32, n.2, 2000.
- LEJEUNE, Philippe. *Cher Écran*. Journal personnel, ordinateur, internet. Paris: Éditions du Seuil, 2000.
- MAFFESOLI, Michel. *No fundo das aparências*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- NICOLACI-DA-COSTA, Ana. Maria. *Na Malha da Rede – Os impactos íntimos da Internet*. Rio de Janeiro: Campus, 1998.
- PRATES, Eufrásio. "Cibersexo, anonimato, máquinas desejanter: corpos encapsulados-prazer virtual". In: PORTO, Sérgio Dayrell (Org.). *Sexo, afeto e era tecnológica*. Um estudo de chats na internet. Brasília: Editora da UnB, 1999.
- RIBEIRO, José Carlos. *Um olhar sobre a sociabilidade no ciberespaço: aspectos sócio-comunicativos dos contatos interpessoais efetivados em uma plataforma interacional on-line*. Tese de Doutorado, Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, 2003.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença*. A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.
- TURKLE, Sherry. *A vida no ecrã*. A identidade na era da Internet. Lisboa: Relógio D'Água, 1997.
- WOODWARD, Kathryn. "Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual". In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença*. A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.